

Influências de Émile Durkheim e Henri Bergson nas tensões teóricas da *teoria da memória coletiva* de Maurice Halbwachs

Veridiana Domingos Cordeiro*

Resumo: O presente trabalho, dado o caráter fragmentado e pouco explorado da obra de Maurice Halbwachs, dá grande atenção a uma pesquisa teórica, que rastreia as principais influências de Halbwachs, a fim de demonstrar as possíveis consequências em sua *teoria social da memória coletiva*. Para isso, lançou-se mão da leitura de dois livros de Halbwachs referentes à memória, identificando-se, assim, a influência do pensamento durkheiminiano e bergsoniano ao longo de suas formulações. Em seguida, realizou-se uma leitura interpretativa tanto de Durkheim, quanto de Bergson, a fim de apontar os possíveis afastamentos e aproximações que Halbwachs mantém com ambos, o que permitiu uma melhor compreensão da tensão teórica presente na *teoria da memória coletiva* e melhor clarificar os problemas oriundos desta tensão.

Palavras-chave: teoria da memória coletiva, Halbwachs, Durkheim, Bergson.

Introdução

Este texto foca as duas obras do sociólogo francês Maurice Halbwachs sobre o tema da memória: *Les cadres sociaux de la memoire* (1925)¹ e *La memoire collective* (*A memória coletiva*, 1939), tentando recuperar as influências norteadoras das mesmas. Em uma primeira leitura exploratória, notou-se a grande influência de dois autores franceses em seu pensamento: o sociólogo Émile Durkheim e o filósofo Henri Bergson. Assim, julgou-se válido revisitar suas obras que tratariam da memória e do tempo, a fim de buscar possíveis influências na obra de Halbwachs.

Fez-se uma leitura exegética de *O suicídio*, *Da divisão do trabalho social*, *As regras do método sociológico* e *As formas elementares da vida religiosa*, buscando semântica e contextualmente os termos “memória” e seus correlatos, “recordar”, “recordação”, “rememorar” e “lembrança”. Tais termos foram localizados em seus respectivos contextos de sentido, analisados e mobilizados em uma argumentação demonstrativa e sintética das concepções de Durkheim sobre a memória. As obras

* Graduada em Ciências Sociais – USP.

¹ Este livro não foi traduzido para o português. Todas as citações deste livro são produto de traduções livres.

bergsonianas escolhidas foram aquelas traduzidas para o português e que tratam diretamente do tema da memória, a saber, *A evolução criadora*, *Matéria e memória* e *Matéria e vida*. Fez-se uma leitura teórico-interpretativa tentando compreender o pensamento de Bergson e suas formulações acerca da memória. Concluída esta etapa preliminar, iniciou-se uma segunda leitura – agora analítica-interpretativa – voltando-se às obras de Halbwachs que construíram sua *teoria social da memória coletiva*, compreendendo seu pensamento e localizando seus principais conceitos e influências.

A herança durkheiminiana em Halbwachs: relações entre coesão social e memória

A ocorrência dos termos relacionados à memória tem aparição marcada na obra de Durkheim. Notou-se que não há ocorrências dos termos em *Da divisão do trabalho social* e em *As regras do método*, e pouquíssimas vezes em *O suicídio*. Contudo, tal número salta de maneira espantosa em *As Formas Elementares*. Tentou-se construir interpretativamente o que a escrita de Durkheim aparentava entender sobre a memória.

Em *Les cadres sociaux de la memoire*, como se verá com mais atenção à frente, Halbwachs dedica uma generosa porção das páginas ao tema dos sonhos, no qual Durkheim é citado. Não por acaso, Durkheim também trata do tema dos sonhos no início de *As formas elementares* (DURKHEIM, 2008a), ao discorrer sobre o animismo, lançando argumentos contra a noção da origem da religião na crença do *duplo*, isto é, a dupla existência de um homem caracterizado em estado de vigília e o outro caracterizado pelo homem durante o sono. Ele aborda a questão dos sonhos, vinculando a ela o elemento da memória:

Com muita frequência nossos sonhos relacionam-se a acontecimentos passados; revemos o que vimos, o que fizemos durante a vigília, ontem, anteontem, em nossa juventude e etc. [...] Como é que o homem, por mais rudimentar que fosse sua inteligência, poderia acreditar uma vez desperto, que acabara de presenciar realmente ou de tomar parte um acontecimento que ele sabia ter se passado outrora? [...] Era bem mais natural que visse nessas imagens renovadas o que elas são realmente, isto é, lembranças, tais como ele as tem durante o dia, mas de uma intencionalidade particular (DURKHEIM, 2008a, p. 44).

De modo geral, a ideia é a de que os sonhos mais se utilizam dos elementos da memória, como peças, para se construírem de acordo com sua intencionalidade es-

pecífica do que eles teriam a capacidade de fornecer elementos à própria memória; eles não conseguiriam deixar na própria memória reminiscências significativas, isto pois ele simplesmente não consegue fazê-lo, tanto para Durkheim quanto para Halbwachs. Tal fraqueza se dá pela ausência de elementos sociais externos, isto é, pela presença coletiva que, de fato, (re)construiria a(s) memória(s). Além disso, as diferentes intensidades da presença da coletividade exercendo seu efeito sobre a memória está presente, praticamente, em todos os trechos trabalhados por Durkheim que tocam a memória em *As formas elementares*. Assim, notamos os argumentos de Durkheim acerca de acontecimentos imprevistos, extracotidianos, na vida mnemônica de um dado grupo:

Claro que, eventualmente, algum acontecimento inesperado se produz: é o sol em eclipse, é a lua que desaparece atrás das nuvens, é o rio que transborda, etc. Mas estas perturbações são passageiras, só podem dar origem a impressões igualmente passageiras, cuja lembrança se apaga ao cabo de algum tempo (DURKHEIM, 2008a, p.76).

A ligeira duração de eventos extraordinários não deixaria, correlativamente, impressão duradoura na comunidade que a presenciou, apagando-se com o tempo devido sua efemeridade. Por raciocínio suplementar, entende-se que os eventos da vida cotidiana tenderiam a deixar marcas mais profundas nas mentes dos membros de uma comunidade. Os eventos da vida cotidiana deixariam marcas muito mais significativas na *memória* das pessoas, formariam a memória de uma maneira duradoura, e isso devido à exposição contínua dos elementos. Não obstante, paradoxalmente, Halbwachs entende que os eventos cotidianos apareceriam como sendo opacos, enquanto, por outro lado, os eventos extraordinários deixariam marcas muito mais vivas na memória.

Voltando ao argumento durkheiminiano, a vida cotidiana e suas formas de classificação seriam moldadas e garantidas pela *consciência coletiva* que, em outros momentos, pode ser entendida como *moral coletiva*. É neste sentido que a repetição da vida cotidiana baseada na consciência ou moral coletiva aponta para a ideia de tradição. Assim, moral e tradição poderiam ser compreendidas como elementos eminentemente constitutivos da memória. O meio social, a influência do grupo, interferiria ou mesmo conservaria as memórias².

² Algo amplamente desenvolvido no segundo livro de Halbwachs.

Em *As formas elementares* a conservação da memória é garantida por ritos e mitos:

O que exprimem as tradições cuja lembrança, ela [a mitologia] perpetua, é a maneira pela qual a sociedade concebe o homem e o mundo; trata-se de uma moral e de uma cronologia, ao mesmo tempo de uma história. O rito, portanto, só serve e só pode servir para manter a ritualidade dessas crenças, para impedir que elas se apaguem das memórias (DURKHEIM, 2008a, p. 405).

Assim, no limite, ritos e mitos seriam os elementos que constituiriam e manteriam a memória. Mais precisamente, a relação de ritos e mitos com o grupo é o da tentativa de criação e manutenção da *coesão no grupo*, havendo uma estreita ligação entre a coesão de um grupo e o grau de vivacidade da memória. Compreende-se, assim, que os fatores que formariam os diferentes graus de intensidade de uma memória seriam a *solidariedade* e a *coesão*. Em suma, a memória em Durkheim dependeria das relações sociais. A configuração e persistência da memória estariam organizadas a partir de elementos que geram coesão e solidariedade. Somado a isso, deve-se levar em consideração que ela deve estar referida a um meio social. Assim, a intensidade da memória estaria diretamente dependente do grau de solidariedade/coesão de um dado grupo, sendo esta a ideia desenvolvida por Halbwachs.

A memória e o tempo bergsoniano na obra de Halbwachs

No final do século XIX e o primeiro terço do XX, a memória estava localizada, sobretudo, no campo da psicologia e da filosofia. É frente a esses campos que Halbwachs se posiciona. A psicologia empregava esforços em estudos³ que apontavam a memória e as recordações como processos exclusivamente individuais. Conforme Halbwachs: a teoria clássica da memória estaria olhando para o polo equivocado da relação – a de conservação da memória no indivíduo –, na medida em que ele propunha um olhar que recaísse sobre a evocação dessas memórias que se localizariam fora do indivíduo.

Apesar das novas proposições e da refutação de uma memória conservada no indivíduo, Halbwachs ainda continua travando extensos debates com a filosofia que

³ Chamados por Halbwachs de teoria clássica da memória.

centraram-se na obra do filósofo francês Henri Bergson, professor de Halbwachs⁴. Apesar de Bergson ter desenvolvido diversos trabalhos sobre memória e, conseqüentemente, ter influenciado Halbwachs, houve pouca dimensionalização desta influência pelos comentadores do último. Por isso, tentou-se, aqui, reconstruir parte do pensamento bergsoniano no que tange a “memória” e o “tempo”.

Halbwachs leva em consideração (mesmo que não totalmente) três noções bergsonianas: a noção temporal de *duração* e as duas formas mnemônicas, a *memória-hábito* e a *imagem-recordação*. O conceito de ‘duração’⁵ é um conceito que acaba por exprimir uma *ontologia*, pois diz respeito a uma certa *natureza da realidade*, expressando uma *mudança incessante*. Argumenta ele que “não há afeto, não há representação que não se modifique a todo o momento; se um estado de alma parasse de variar, sua duração deixaria de fluir. [...] A verdade é que mudamos sem parar e que o próprio estado já é mudança” (BERGSON, 2005, p. 2). Quando estamos conscientes, percebemos a duração, este tempo qualitativo, e tentamos medi-lo. Isso ocorre, sobretudo, no ser social, que frequentemente visa uma ação pragmática do tempo e para a orientação das ações dos homens neste tempo. Por ação pragmática se compreende os marcos orientadores da vida social, como a contagem de dias, meses, anos, festividades e etc, em suma, o tempo social. De certa maneira, então, a duração quantificável seria uma espécie de ilusão, na medida em que a duração não seria algo pensado, mas algo vivido: “a *duração real* é o que sempre se chamou *tempo*, mas o tempo percebido como indivisível” (BERGSON, 2011, p. 16).

Compreendendo o sentido de duração, podemos perceber que *duração* é *memória*. Ela é “o progresso contínuo do passado que rói o porvir e incha à medida que avança.” (BERGSON, 2011, p. 48). Uma vez que o passado cresce incessantemente, ele também “se conserva indefinidamente”. Assim, a memória é uma conservação dos passados no inconsciente e só introduz na consciência “o que for de natureza que esclareça a situação presente, que auxilie a ação formação, enfim, um trabalho útil”

⁴ Bergson se fez presente na vida de Halbwachs durante muitos anos, sobretudo no início de seus anos de estudos. No diário da mãe de Halbwachs pode-se notar tal comentário da mesma sobre o livro *Les cadres sociaux de la memoire*: “Me sinto emocionada de te ver muito próximo do Bergson, que foi realmente o ‘demônio familiar de sua juventude’” (NAMER, 2004, p. 354).

⁵ Duração é empregado por Bergson em sua crítica à concepção corrente, até então, de tempo, como sendo, a saber, um tempo quantificável e, assim, mecanizável. Em oposição a isto, o conceito de *duração* visa exprimir a qualidade ao tempo, estando ele relacionado à experiência vivida de uma vida subjetiva. Noção similar pode ser encontrada no filósofo alemão Edmund Husserl.

(BERGSON, 2011, p. 4). A ideia que Bergson desenvolve aqui⁶ é a de uma memória que se conserva como se fosse um depósito que acumula vários passados e que é ativada, quando estamos em nosso estado de vigília, a fim de visar uma *utilidade* para a ação empregada.

Essa memória como acúmulo de passados pode funcionar de duas maneiras: a *memória-hábito* e a *imagem-recordação*. A primeira seria a memória dos mecanismos motores, adquirida pelo esforço da atenção e pela repetição de gestos e palavras, ao longo da socialização. A segunda diria respeito a um momento único da vida, que não foi repetido e por isso não tem um caráter mecânico, mas sim evocativo (BOSI, 2009). A *memória-hábito* ocorre no dia-a-dia, enquanto estamos engajados com algo no mundo, agindo e, por isso, selecionando no real aquilo que nos é *útil*. A *imagem-recordação* é a memória ativada por alguma forma de interação/engajamento com o mundo atual (isto é, no momento da ação), assim a memória seria “desencadeada”.

Halbwachs, que foi aluno de Bergson, um dos filósofos mais reconhecidos da época, viu-se obrigado a argumentar sobre o assunto devendo considerar seu impacto na época. Todavia, Halbwachs, que adota uma perspectiva durkheimiana, tenta reinterpretar um pensamento que, para ele, parece sofrer de falta de percepção do social, como nota-se em afirmações de Bergson: “Para evocar o passado em forma de imagem, é preciso poder abstrair-se da ação presente, é preciso saber dar valor ao inútil, é preciso querer sonhar” (BERGSON, 2011, p. 90). Para Halbwachs o que justamente não podemos prescindir é da ação do presente e, mais precisamente, dos marcos sociais. O caminho percorrido por Halbwachs com seus dois livros mostra o caminho do próprio autor na tentativa de refutação de Bergson. Se em *Les cadres sociaux*, Halbwachs tenta adequar parte do repertório bergsoniano, consciente ou inconscientemente, em *A memória coletiva* o tom durkheimiano toma a dianteira, aumentando as refutações a Bergson.

Influências bergsonianas e durkheimianas em *Les cadres sociaux de la memoire* de Halbwachs

Como visto, a memória era tema da psicologia, com Freud e o *inconsciente*. Halbwachs parte daí em seus primeiros debates, escolhendo os “sonhos e a memó-

⁶ Sistemáticamente refutada por Halbwachs em *Les cadres sociaux*.

ria” como tema central do primeiro livro. Assim, os sonhos funcionam como contraste para introdução de um de seus principais conceitos: *os quadros sociais da memória*.

Existiria um duplo caminho a ser trilhado em busca da memória que envolve um plano subjetivo e outro objetivo. O primeiro estaria composto da sucessão de recordações individuais, as experiências subjetivas, que, no limite, são únicas. Essa trajetória, contudo, tem como referência marcos na divisão temporal da sociedade que ordenam e classificam as recordações – o que Halbwachs denomina de *quadros sociais da memória*. Estes funcionariam como critérios objetivos, que se imporiam desde fora como *fatos sociais*, não presentes nos sonhos. Eles seriam compostos pelas mesmas peças que compõem as recordações, sendo que entre ambas haveria diferença de grau e não de natureza.

Se temos o sentimento (talvez ilusório) de que nossas recordações (que se relacionam com a vida consciente do estado de vigília) estão dispostas em uma ordem imutável no fundo da nossa memória, se a sequência de imagens do passado nos parece tão objetiva como na sequência dessas imagens atuais ou virtuais que chamamos de mundo exterior, é porque elas se situam nos quadros imóveis que não são do nosso meio exclusivo e que se impõe a nós de fora (HALBWACHS, 2004, p. 35-36).

Os *quadros sociais da memória* podem ser definidos como instrumentos comuns a todos os indivíduos de um determinado grupo ou sociedade, que permitiriam ao indivíduo reconstruir suas recordações, mesmo depois de elas terem se esvanecido. São o pré-requisito para constituição das lembranças (SANTOS, 2003) e até mesmo para a compreensão dos sonhos. Igualmente, a ausência (total ou parcial) *dos quadros sociais da memória* explica os fatos esquecidos (HALBWACHS, 2004)⁷. Eles aparecem em Halbwachs como um sistema de datas e lugares que viriam a nós cada vez que desejássemos localizar ou recuperar um acontecimento. Assim, esse sistema é responsável por organizar nossas memórias, sendo dados pelo grupo social no qual o indivíduo está inserido. Uma vez empregado o termo “sistema”, há a ideia de que os termos isolados, por si só, não querem dizer nada; eles seriam entendidos conforme a concepção estruturalista da linguagem, sendo as recordações diacríticas.

⁷ Essa alusão ao processo de esquecimento dos fatos, confirma mais uma vez que o passado se conservaria intacto nas memórias individuais.

Recordar, assim, seria reconstruir fatos, reinterpretar o passado à luz do presente, fazendo com que a recordação tenha um caráter aproximativo dos fatos. Isso marca um dos principais afastamentos de Halbwachs à Bergson, já que não poderíamos evocar *recordações puras*⁸. Se há a ilusão de que o passado continua intacto é porque continuamos as mesmas pessoas; isso implica, necessariamente, que nosso contexto tenha permanecido, no limite, o mesmo: “temos, ao contrário, a ilusão de reencontrar esse passado inalterado, porque nos reencontramos, nós mesmos no estado em que atravessávamos” (HALBWACHS, 2004, p. 41).

Influências bergsonianas e durkheimianas em *La memoire collective*

Em *A memória coletiva* a preocupação de Bergson muda de maneira acentuada em relação ao seu trabalho anterior. Aqui, a questão é saber como funcionaria a memória de alguém em relação à memória coletiva.

Ele parte da divisão entre o *ser sensível*, uma espécie de testemunha que vai depor sobre o que viu; e o *eu*, que não viu, mas que talvez tenha formado opinião com base em outros testemunhos. O *ser sensível*, por sua vez, é o ente que está no mundo, vivendo e recebendo os estímulos dele. Já o *eu* seria um ente interpretativo, recebendo uma série de testemunhos distintos, inclusive de si próprio e que, a partir daí, construiria uma imagem. Em relação às nossas percepções passadas, à luz do presente, nós nos conformaríamos em ser testemunhas distintas, a pessoa do passado que viveu aquilo que fora lembrado e a pessoa do presente:

Se o que vemos hoje toma lugar no quadro de referências de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptam ao conjunto de nossas percepções do presente. *É como se estivéssemos diante de muitas testemunhas*. Podemos reconstruir um conjunto de lembranças de maneira a reconhecê-lo porque eles concordam no *essencial*, apesar de certas divergências (HALBWACHS, 2009, p. 29; grifos meus).

Toda essa ideia interpretativa esvaziaria o conteúdo de objetividade das lembranças. Contudo, preocupado com o critério de objetividade, argumenta Halbwachs que as referências às memórias de outrem aumentariam a confiabilidade da exatidão das recordações. Para tanto, temos que nos apoiar sobre a memória de outros

⁸ Bergson acreditava na existência de uma memória pura, inalterável, que contrapunha-se à “recordações imagens”, que seriam recordações que correspondem a “percepções acompanhadas de reflexão, de juízos, de pensamentos abstratos” (HALBWACHS, 2004, p. 68).

a fim de lembrarmos com alguma confiabilidade um evento. “Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos” (HALBWACHS, 2009, p. 30).

Partindo da ideia de que “jamais estamos sós”, haveria a noção de que sempre carregamos alguém com nós que nos chamaria atenção a um *perfil*⁹ daquilo que percebemos, daqui que vivemos. Dai segue a argumentação:

Suponhamos que eu passei sozinho. Será que se poderá dizer que deste passeio guardei apenas lembranças individuais, só minhas? Contudo, apenas em aparência andei sozinho [...] Em todos esses momentos, não posso dizer que estive sozinho [...] pois em pensamento eu me situava neste ou naquele grupo (HALBWACHS, 2009, p. 30-31).

A demonstração do raciocínio na argumentação sublima a presença física. Mas, se ainda não sabemos se a sociabilidade prescinde da presença física, certamente os *atos de memória* sim. “Para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhas no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível” (HALBWACHS, 2009, p. 31). Podemos com facilidade lidar com recordações de “segunda mão” – e isso valeria para relatos passados de pessoas a pessoas seja pessoalmente, seja por meio da escrita. O indivíduo estaria em uma espécie de “conversação” contínua com os mais diferentes grupos da sociedade pela qual ele se socializa.

A coesão e a persistência no tempo de um grupo, de acordo com Halbwachs, teria influência direta no grau de vivacidade de uma memória relacionada a este mesmo grupo. Como exemplo, o autor utiliza a situação de um professor e uma sala de aula: enquanto uma sala de aula lembraria com mais clareza o professor, a grande parte dos alunos passaria despercebida pelos professores. Para o grupo de alunos, a figura do professor seria uma referência coletiva e única. A convivência do grupo da sala de aula reforçaria sempre, na memória de todos, aquele professor. Desta maneira,

todas as lembranças que poderiam ter origem dentro da turma se apoiavam uma na outra e não em recordações exteriores. Assim, por força das circunstâncias, a duração de uma memória desse tipo estava limitada à duração do grupo (HALBWACHS, 2009, p. 35).

⁹ Seria o ponto de vista onde um observador se situa.

Se a lembrança está diretamente relacionada ao prolongamento temporal dos grupos e relacionada à intensidade de envolvimento relativa, portanto, o esquecimento seguiria a proporção inversa. Com isso, esquecer um período da vida é perder o contato com os que então nos rodeavam, ou “esquecer uma língua estrangeira é não estar mais em condições de compreender os que se dirigiam a nós nesta língua” (HALBWACHS, 2009, p. 37). A objetividade de uma memória não estaria necessariamente vinculada a um acontecimento supostamente real – à “realidade” e à “verdade” dos fatos. A objetividade estaria baseada sobre a *solidariedade* de um grupo que sustentaria tal memória, ou melhor, na *crença* da existência de tal memória¹⁰.

Temos dois elementos compreendidos pelo nosso passado: os que podemos e os que não podemos evocar quando desejamos. Os que são evocados segundo a nossa vontade se dão, pois: “os fatos de nossa vida que estão sempre mais presentes para nós também foram gravados na memória dos grupos mais chegados. Assim, os fatos e ideias que mais facilmente recordamos são do terreno comum, pelo menos para um ou alguns ambientes” (HALBWACHS, 2009, p. 66-67). Aqueles que não atendem à nossa vontade dizem respeito a lembranças que somente nós podemos lembrar: “por mais estranho e paradoxal que isto possa parecer, as lembranças que nos são mais difíceis de evocar são as que dizem respeito somente a nós” (HALBWACHS, 2009, p. 67). Aqui encontramos uma menção decisiva da interpretação durkheimiana da memória, já que os eventos que estariam vinculados a determinados grupos, contextos sociais, portanto, a alguma moral e consciência de grupo específicas, teriam seu *suporte* de existência.

Considerações finais

Tendo-se em vista Durkheim e Bergson em relação à obra de Halbwachs, pode-se perceber que ambos causavam tensões no interior da *teoria social da memória coletiva*. De um lado, ter-se-ia um indivíduo que capta a realidade da maneira prescrita pela *duração*, fazendo com que ele dispusesse de uma memória única - justamente por ser um observador em um ponto de vista singular na experiência da realidade. E de outro, haveria a disposição explicativa durkheiminiana, a qual faria com

¹⁰ No limite, não importaria se o fato aconteceu ou não aconteceu, mas sim, se todos consistentemente acreditam nele ou não.

que tivesse não uma memória singular *sui generis*, mas sim, um ponto de vista sobre uma memória coletiva, exterior a ele, e independente de sua apreensão individual da realidade – que é transformada em memória. As duas concepções não podem coexistir pacificamente, pois uma tende a ruir a outra.

Para tentar apontar a própria contribuição de Halbwachs, seria necessário demonstrar, em detalhes, como a noção de *grupos* é uma tentativa de resolução da tensão teórico-epistemológica advinda da união das teorias de Durkheim e Bergson, e como a noção de *grupos*, mais propriamente falando, pode ser encarada como uma *atualização* da teorização de Durkheim. Com isso, notou-se que a noção de *grupos* foi o grande passo teórico de Halbwachs. Neste sentido, Halbwachs parece ter pretendido fazer da noção de *grupos* um intermediário da relação durkheiminiana entre *indivíduo* e *sociedade* – na verdade, a própria noção de sociedade aparenta se dissolver na noção de grupos. Na relação em que grupos mantêm com a memória, notou-se que a intensidade que tem relação com a *solidariedade* e a *coesão*, transpõe-se na configuração das memórias, formulando o seguinte postulado: *há uma relação direta entre a intensidade e o grau de coesão de uma memória e o grau de coesão e solidariedade de um dado grupo.*

Referências

- BERGSON, H. (2005). *A evolução criadora*. São Paulo, Martins Fontes.
- _____. (1999). *Matéria e memória*. São Paulo, Martins Fontes.
- _____. (2011). *Matéria e vida*. São Paulo, Martins Fontes.
- BOSI, E. (2009). *Memória e sociedade*. São Paulo, Companhia das Letras.
- DURKHEIM, E. (2008a). *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo, Martins Fontes.
- _____. (2008b). *As regras do método sociológico*. São Paulo, Martins Fontes.
- HALBWACHS, M. (2004). *Los marcos sociales de la memoria*. Barcelona, Antropos.
- _____. (2009). *A memória coletiva*. São Paulo, Centauro.
- NAMER, G. (2004). “Prólogo”. In: HALBWACHS, M. *Los marcos sociales de la memoria*. Barcelona, Antropos.
- SANTOS, M. (2003). *Memória coletiva e teoria social*. São Paulo, Annablume.

Recebido em novembro/2012

Aprovado em janeiro/2013